

SINOPSE DANIEL PIZA

E-mail: daniel.piza@grupoestado.com.br



Site: www.danielpiza.com.br Blog: http://blogs.estado.com.br/daniel-piza

Máquina autofágica

Quando se vê o luto banquete que a máquina pública faz com nosso dinheiro, digerindo cada vez mais o que produzimos para fastio de seus ocupantes, familiares e apaniguados, tirando de muitos para alimentar a poucos, há um contraste direto com as propostas de Oswald de Andrade “contra as elites vegetais”, que vivem de especulação e espoliação. Ao mesmo tempo, o repasto com as verbas do contribuinte montado pelo Partido da República (sic), com Waldemar Costa Neto à ponta da mesa, e a gordurosa ajuda do poder público ao estádio do Corinthians, em Itaquera, são praxes muitas vezes justificadas pela tal alegria pré-cabralina do brasileiro que Oswald exalta em seu *Manifesto Antropófago* de 1928. O Brasil ainda prefere deglutir a si mesmo.

Me refiro a Oswald porque ele foi homenageado da Flip e é tema de um livro bem amplo, *Antropofagia Hoje?* (Realizações Editora, org. Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha). Na Flip (que perdeu muito com a ausência de Antonio Tabucchi, pois nomes como James Ellroy e Valter Hugo Mãe não estão à mesma altura), afinal, tivemos a celebração esperada, por Antonio Candido, José Miguel Wisnik e Zé Celso, e no livro temos mais debates e contextos (como a lembrança do manifesto *Dadá* de Francis Picabia, que inspirou o de Oswald). Mas o fato é que os romances de Oswald são pouco lidos hoje, ainda mais em comparação com *Macunaíma*, de Mário de Andrade, que, por sinal, deglutiu as ideias de Oswald e as devolveu melhoradas nesse livro. E que esse Brasil dos seguidores de Oswald está longe de encarnar o mito que ele roteirizou.

O manifesto dele é um produto de suas leituras muito peculiares e limitadas de Freud somadas à crença no comunismo e no surrealismo. Ou seja, imagina um Brasil que não segue o caminho da chamada “civilização”, que seria o caminho da sublimação, da repressão sexual, da catequização religiosa, um Brasil muito mais instintivo do que lógico ou, na visão de Zé Celso, dionisíaco em vez de apolíneo. Agora, considere a realidade. Temos uma classe dirigente que gasta dez vezes mais dinheiro pagando juros do que combatendo a fome, um Estado que todo ano bate recordes de arrecadação enquanto o PIB continua entalado na garganta da corrupção e da ineficiência. E não só na política. Esta cultura supostamente liberada e matriarcal é uma das menos seculares do mundo, com altos índices de violência contra a mulher. Como escrevi no texto incluído no livro, “Pindorama tam-



BAPTISTÃO/AE

bém castra e discrimina. E muito”.

Mas já passa da hora de ver que uma coisa está relacionada com a outra. O primeiro a celebrar o espírito festivo e anticrítico dos brasileiros é o oligarca, o poderoso ao estilo Sarney, que sempre escreve sobre isso. O padrão oligárquico, como previu Joaquim Nabuco muito antes de Oswald, continua a dominar o sistema brasileiro. Nele, afetos são sempre alegados como justificativas para as famigeradas ações entre amigos como as que devoraram o orçamento do Ministério dos Transportes. Ou veja o argumento dos que defendem a isenção fiscal e a linha do

Repasto com as verbas do contribuinte é justificado pela alegria pré-cabralina

BNDES para o estádio do Corinthians: ali será a abertura da Copa do Mundo e isso seria muito bom para a imagem do Brasil “lá fora”. Afinal, comemos o futebol que veio da Inglaterra e nos tornamos a escola principal da culinária ludopédica, certo? Em nenhum momento alguém apresentou números do retorno concreto para esses mais de R\$ 800 milhões que sairão do nosso bolso nos próximos anos.

Raciocínio para que, afinal? Somos adeptos da magia, não da ciência... Pobre Oswald. Tão citado quanto esquecido.

De la musique. Escutei rapidamente *Chico*, o novo CD dele, na sexta-feira, dia em que chegou às lojas, depois de algumas ações na internet (quando Chico descobriu a pólvora: explodem ataques pessoais na rede, e ele mesmo, apesar de ídolo e best-seller, é chamado de velho e bêbado). Não dá para dizer dele como se diz de Woody Allen, que ele se repete, mas num nível alto, em constante renovação em torno dos mesmos temas. Chico se repe-

te, mas sem vigor, a começar pela voz; e as melodias ressoam antigas, ainda mais nos arranjos de Luiz Claudio Ramos. Como era de esperar, as letras se salvam, ao menos aqui e ali, e quem não vê graça em “Por uma estátua ter adoração/Amar uma mulher sem orifício” é o mesmo que elogiaria Cole Porter por um verso desses e pela referência ao mito de Pigmalião. Mas eu diria que o Chico escritor, hoje, tem muito mais a dizer do que o compositor.

Rodapé (1). Ganhei da minha mulher a fascinante edição fac-similar de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, que reproduz o original do escritor tal como está na Biblioteca Nacional de Portugal. Vemos as páginas datilografadas e as pequenas anotações e correções à mão do autor, inclusive a troca do título, que antes seria *Portugal*. Percebo que há uma moda intelectual que diz que esse não é o melhor Pessoa, afinal foi seu único livro publicado em vida (boa parte de sua poesia saiu em revistas e jornais) e com o nome verdadeiro, não sob um dos heterônimos, logo com certo aroma de ufanismo ou oficialismo. Mas basta ler alguns versos para esquecer essa objeção ideológica e, lendo um pouco mais, fica claro que há muita ironia no lugar de patriotismo – inclusive quando Pessoa diz que “o mar com fim será grego ou romano/ o mar sem fim é português”. Só quem não tem a “febre de navegar” não vibra com esse livro.

Muito mais que os modernistas paulistas, Pessoa foi moderno e eterno.

Rodapé (2). Citei na semana passada o escritor Robert Walser, cujo romance *Jakob von Gunten* – na verdade um romance em fragmentos, na forma de um diário – foi publicado recentemente no Brasil, mais de cem anos depois. Um dos autores contemporâneos de língua alemã que mais o estudaram foi W.G. Sebald, um baita escritor, infelizmente morto em 2001, também de modo pre-

coce. Dele é publicado agora *Guerra Aérea e Literatura* (Companhia das Letras, tradução Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo), que é um exemplo de como desafiar a cultura estabelecida de seu próprio país. Sebald, autor de livros inesquecíveis como *Austerlitz* e *Os Emigrantes*, analisa a recusa e a dificuldade dos escritores alemães de retratar os bombardeios e sofrimentos infligidos a esse povo durante a Segunda Guerra Mundial. Mostra o problema até mesmo nos que correram esse risco, com medo da represália moral, quando o dever da literatura é descrever todos os lados das questões.

Muito mais que os modernistas paulistas, Pessoa foi moderno e eterno

Sebald diz coisas como: “A capacidade do ser humano de esquecer o que não quer saber, de não fazer caso daquilo que está diante dos seus olhos, poucas vezes foi posta à prova de forma tão rigorosa como na Alemanha daquele tempo. Em um primeiro momento, o puro pânico determinou a decisão de prosseguir como se nada houvesse acontecido”. Mas, no segundo momento, quando a verdade histórica deveria aparecer até para que não se repetisse, poucos autores estiveram à altura. A coragem de Sebald era intelectual e moral. Ave rara.

Cadernos do cinema. Certo, Harry Potter passou pelo ritual de entrada na vida adulta e o tom dito “sombrio” dos últimos filmes tem relação com esse fim da adolescência. Mas, agora que a saga de sete livros e oito filmes acabou, não é difícil lembrar melhor a criatividade visual e da leveza dos primeiros filmes, como naquelas cenas do jogo de quadribol ou as lutas contra animais mitológicos, em contraste com

as batalhas grandiloquentes do bem contra o mal nos derradeiros. Ou lembrar o quarto filme, a meu ver o mais completo, por unir aquela leveza com a tensão de uma competição pelo Graal e a revelação de que Harry e Voldemort não são tão separados assim. Com o tempo, porém, Harry foi sendo cada vez mais o “enviado”, o impuro que se torna herói ao combater as trevas racistas. Em compensação, o “acting” melhorou muito, e Ralph Fiennes decidiu roubar a cena como vilão.

O segredo da saga juvenil? Mesclar história de bruxos, referências mitológicas e ambiente escolar. E tecnicamente os filmes são mais inventivos do que os livros. Harry agora é história.

Uma lágrima. Mais ainda que a morte de Cy Twombly, a de Lucian Freud, aos 88 anos, é um golpe no gênero da pintura, como toda morte de um mestre. Ao lado de Francis Bacon, Freud, neto do autor de *A Interpretação dos Sonhos*, nascido em Berlim e radicado na Inglaterra, renovou a pintura figurativa num momento em que quase todos os críticos diziam que estava morta e que abstratos – como o próprio Twombly em sua fase dos garranchos – a teriam “superado”. Ironia da história, Freud representa hoje muito mais a grandeza da pintura do que um Twombly. Com seus retratos de seres carnis, com veias à flor da pele, ossos ou pelancas à vista, olhos mergulhados em traumas ou memórias, uma presença volumosa na superfície da tela, como que prestes a sair para o ambiente, ele mostrou como é inesgotável o campo da figura humana, de suas expressões físicas e psíquicas.

Os rótulos de “realista” ou mesmo “hiper-realista” não colam nele, pois sempre foi muito além do que uma câmera pode mostrar ou ampliar; seu olhar pessoal se traduzia em cada pincelada, de grande apuro técnico, e seu objetivo nunca foi apenas criar uma sensação de realidade exterior, e sim distribuir diversos focos de tensão numa massa heterogênea que, à primeira vista, tem uma força unificada, repleta de ironia e sensualidade, de visceralismo em camadas. Renovar é sempre mais difícil e prazeroso do que se basta em ser novidade.

Por que não me ufano. Preciso dizer mais alguma coisa? Tiro uma semana de férias. Até a volta.

● **Aforismo sem juízo**
A ponta mais fraca da corda chicoteia com mais crueldade.